

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS PIRES DO RIO  
CURSO DE LETRAS

MARIANE MARIA CARVALHO ARANTES

**A MARCA DO REGIONALISMO NO POEMA “O POETA DA ROÇA” DE  
PATATIVA DO ASSARÉ**

Pires do Rio/GO  
2018

MARIANE MARIA CARVALHO ARANTES

**A MARCA DO REGIONALISMO NO POEMA: “O POETA DA ROÇA” DE  
PATATIVA DO ASSARÉ**

Artigo apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Pires do Rio, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas.

**Área de concentração:** Estudos Linguísticos

**Linha de pesquisa:** Estudo da variação e da mudança linguística

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Esp. Nely Abadia da Silva

Pires do Rio/GO  
2018

Arantes, Mariane Maria Carvalho.

A Marca do Regionalismo no poema “O Poeta da Roça” de patativa do Assaré/ Mariane M. Carvalho Arantes – Pires do Rio: Universidade Estadual de Goiás, 2013.  
29 f.

Orientadora: Profa. Esp. Nely Abadia da Silva.

TC (Graduação), Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, Curso de Letras, 2018.

1. Regionalismo. 2. Literatura de Cordel. 3. Cultura. 4. Identidade. I. Silva, Nely Abadia da. II. Universidade Estadual de Goiás. III. Título.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS PIRES DO RIO  
CURSO DE LETRAS  
COORDENAÇÃO DE TC**

**ATA Nº 006/2018**

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DO ARTIGO DA ALUNA MARIANE MARIA  
CARVALHO ARANTES**

Aos doze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezoito, a partir das quatorze horas, nas dependências do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, realizou-se a sessão pública de defesa do artigo intitulado: **A marca do regionalismo no poema: “O poeta da roça” de Patativa do Assaré**. Os trabalhos foram instalados pela Professora Orientadora Especialista Nely Abadia da Silva (Letras/UEG) com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Mestre Sueli Agda Vieira (Letras/UEG) e Professora Mestre Tânia Regina Mendonça (Letras/UEG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o julgamento do Artigo, tendo sido a candidata aprovada, pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Vanessa Gomes Franca, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pela Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras, aos doze dias do mês de dezembro de dois mil e dezoito.

*Nely Abadia da Silva*

Profª. Esp. Nely Abadia da Silva – Presidente

*Sueli Agda Vieira*

Profª. Ma. Sueli Agda Vieira – Membro

*Tânia Regina Mendonça*

Profª. Ma. Tânia Regina Mendonça – Membro

Visto:

*Vanessa*  
Profª. Dra. Vanessa Gomes Franca

Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras da UEG – Câmpus Pires do Rio

## A MARCA DO REGIONALISMO NO POEMA: “O POETA DA ROÇA” DE PATATIVA DO ASSARÉ\*

Mariane Maria Carvalho Arantes\*\*  
Nely Abadia da Silva\*\*\*

**RESUMO:** O propósito deste trabalho é abordar o regionalismo no poema “O Poeta da Roça”, de Patativa do Assaré. Para realizar esta pesquisa, fundamentamo-nos em Benveniste (2006), Labov (2008), Luyten (2007), Lyons (2013), Martelotta (2008), Saussure (2006), Silva (2000), dentre outros. Utilizando estes mesmos autores, este trabalho abordará sobre a historicidade da linguística mostrando como ela se subdividiu quais os caminhos seguidos por cada vertente. Será feita uma abordagem sobre a diferenciação de língua, linguagem e fala e também suas ligações. A partir daí será mostrado como é formada a cultura e a identidade, quais as influências que elas recebem. Para falar do regionalismo do poema “O Poeta da Roça” será feita uma pesquisa sobre a Literatura de Cordel apontando essa regionalidade simples e rica à obra. Na oportunidade será possível conhecer mais a fundo o poeta Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), mais conhecido como Patativa do Assaré, nasceu no Ceará e se tornou um dos principais representantes da tradição popular nordestina. O poeta, que desde muito cedo precisou se tornar agricultor para ajudar a família, devido à morte do pai, canta com propriedade o povo sertanejo. Assim, em seus textos, por meio de uma linguagem simples, relata a vivência do sertanejo com seus sofrimentos, suas amarguras, suas alegrias, sensibilizando seus leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Regionalismo. Literatura de Cordel. Cultura. Identidade.

---

\* Artigo apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Pires do Rio, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas.

\*\* Aluna no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Pires do Rio)  
leandromariane20@gmail.com

\*\*\* Docente no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Pires do Rio)  
profnelly10@gmail.com

**ABSTRACT:** In order to carry out this research, we are based on Benveniste (2006), Labov (2008), Luyten (2007), Lyons (2013), Martelotta (2008), Saussure (2006), Silva (2000), and others. Using these same authors, this work deals with the historicity of linguistics showing how it has been subdivided the paths followed by each strand. There will be differentiation of language, language and speech and also their connections, from there will be shown how culture and identity are formed, what influences they receive. To talk about the regionalism of the poem "The Poet from farm" will be done a research on Cordel Literature pointing out this simple and rich regionality to the work. The poet Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), better known as a poet from Assaré, was born in Ceará and became one of the main representatives of the Northeastern popular tradition. The poet, who from a very early age had to become a farmer to help the family, due to his father's death, sings with propriety the sertanejo people. Thus, in his texts, through a simple language, he relates the experience of the sertanejo with his sufferings, his bitterness, his joys, sensitizing his readers. With this, the purpose of this work is to approach regionalism in the poem "The Poet from farm", from Patativa do Assaré.

**KEY WORDS:** Regionalism. Literature of twine. Culture. Identity

"É melhor escrever o certo de forma errada do que o errado de forma certa!" (Patativa do Assaré).

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta em seu desenvolvimento o cronograma histórico da linguística até chegar a suas respectivas ramificações as quais são Historicismo, Estruturalismo, Gerativismo e sociolinguística que tem como linha de pesquisa a diferença da língua em cada área.

Em um segundo momento será abordada a diferença e ao mesmo tempo a ligação entre língua, linguagem e fala tendo fundamento em Benveniste (2006), que diz que estas têm pontos opostos, porém se confundem entre si, afinal uma não existe sem a outra.

Um terceiro momento trará uma parte importante para a pesquisa pois mostrará influência para a formação da identidade e cultura de cada indivíduo.

Na sequência será exposta a Literatura de Cordel, a qual é considerada como a expressão cultural mais conhecida do Nordeste. Com seus folhetos impressos de forma artesanal mostrará também a influência na forma de expressar de Patativa do Assaré em suas obras dando ênfase ao poema "O Poeta da Roça"

O último momento será feito a análise do poema em questão abordando a similaridade e riqueza nos versos escritos por Patativa, enfatizando por meio destes a correlação da roça com a literatura nordestina esmiuçando-o expondo o regionalismo tão presente na obra.

## 1. UM CONCISO ESTUDO SOBRE LINGUÍSTICA: Da origem ao percurso sociolinguístico

A linguística moderna tem como um dos princípios fundamentais, o fato de que a língua falada é mais básica do que a língua escrita, o que não significa que a língua deva ser identificada com a fala. Lyons (2013, p. 09), corrobora: “Deve-se estabelecer uma diferença entre os sinais que se realizam. Assim é possível ler em voz alta o que está escrito e, em contrapartida, escrever o que é falado”. Usualmente, os falantes nativos alfabetizados, em determinada língua são capazes de dizer que esta “transferência de um sinal linguístico de um meio para outro foi bem executado ou não” afirma, Lyons (2013, p. 09).

De acordo com Saussure (2006, p. 07), a ciência, a qual compõe em torno dos fatos da língua percorreu três fases sequenciais antes do reconhecimento de seu verdadeiro e único objetivo. Iniciou-se com a chamada “Gramática” na Grécia e tendo continuidade na França, é baseado na lógica e desprovido de qualquer visão científica sem interesse da própria língua, visando apenas a formulação de normas para diferenciar as maneiras “certas” das “erradas”.

A segunda fase foi a Filologia que teve início na Alexandria, lembrando que esse termo fora vinculado ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e dura até a atualidade.

A língua não é o único objeto da filologia, que quer, antes de tudo fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, falo sobre tudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições regidas numa língua arcaica ou obscura. [...] nesse domínio a crítica filológica é falha numa partícula: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente. (SAUSSURE, 2006, p. 07).

A terceira e última fase foi a “Gramática comparada”, quando fora descoberto que as línguas podiam ser comparadas entre si. Em 1816 estudiosos perceberam as relações que unem o sânscrito ao latim, ao grego, e ao germânico, com isso perceberam e admitiram que todas essas línguas eram de uma família, porém este feito não pode ser provado que em 1816 já houvesse sido compreendida, de maneira geral, a significação e sua importância.



O estruturalismo foi o movimento que contribuiu para a revolução científica da filosofia e das ciências humanas no século XX. O estruturalismo na visão de Saussure (2006) analisa a linguística sob pontos que se contrapõem e se completam, são os chamados dicotomia.

A partir do estruturalismo as ciências humanas tiveram abertura para desenvolver métodos específicos para seus objetos de estudo, mantendo-se com a ideia da lei científica, mas não estão atreladas às definições automáticas de causa e efeito.

A teoria gerativista apareceu na década de 1950, quando foi considerado o nascimento da linguística gerativista. Esta teoria inicialmente foi apresentada como resposta ao behaviorismo, o qual caracterizava os indivíduos como “tabuas rasas”, afirmando que eles não nasciam com capacidade para a linguagem.

O gerativismo defende que a linguagem é uma capacidade inata, a qual aborda dois princípios sendo a competência e o desempenho linguístico. A competência é a habilidade e capacidade de produzir sentenças e o desempenho as escolhas que são feitas para a fala, o emprego que o ser humano faz da sua língua.

Admite-se que a língua em determinado contexto pode ser vista como a representação da realidade, instrumento de comunicação ou uma ação social, já que língua é o resultado do que somos, pois através dela podemos expressar desejos, opiniões, emoções, além de contribuir para a elevação do nível de conhecimento e desenvolvimento.

O grande linguista suíço Ferdinand Saussure procurou estudar a língua em suas diversas facetas, baseado na ciência denominada Linguística, apesar de ter sido uma árdua tarefa devido à necessidade de estudos aprofundados, mudanças e um maior conhecimento desta ciência até aos dias de hoje.

A concepção da origem da linguística pode ser abordada por meio dos estudos que se iniciaram em 1916, pelos discípulos do linguista suíço Ferdinand de Saussure, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946) que publicaram a obra com o título “Curso de Linguística Geral”, a qual despertou os sentidos para a compreensão dos estudos linguísticos. Sendo assim, os estudos sobre linguagem são baseados em um sistema de signos coletivo e social, tendo a língua como objeto de análise da linguística.

Para que se compreenda minuciosamente a linguística faz-se necessário atentarmos a princípios básicos de definição, como o conceito de linguagem a qual todo ser humano nasce dotado de uma capacidade geral.

Labov, assim como Saussure tem a linguística como uma ciência do social, assim a sociolinguística refere-se à linguística com destaque na atenção as variáveis de natureza extralinguísticas, salienta Martelotta (2008).

Ao apreciar esses aspectos, entende-se que uma das atribuições da sociolinguística é analisar as línguas em sua forma funcional, realizando um paralelo entre a sociedade e a linguagem, sendo, pois, a língua um espelho da sociedade. Labov (1966, p. 48), afirma que “A variação linguística possui uma forma sistemática e que se torna real a transposição da homogeneidade e estrutura”. O estudioso defende ainda que dentro das competências linguísticas há a capacidade de empregar variáveis e que ao ser analisada deve-se voltar à língua em seu contexto social.

Martelotta (2008, p. 146), afirma que a sociolinguística é “fruto da insatisfação de linguistas que acabaram por procurar caminhos alternativos para pesquisas” assim compreende-se que o termo sociolinguística é usado pela primeira vez em 1950 e se desenvolve nos Estados Unidos 10 anos depois com os trabalhos de William Labov.

A sociolinguística veio ocupar a lacuna deixada pelo gerativismo, o qual tinha como objetivo legítimo de estudo, o interior das línguas e a competência linguística. Ao aprofundar os estudos surgem novas disciplinas, as quais priorizaram fatores sociais, culturais e psíquicos. Estes são considerados indispensáveis para o estudo linguístico, afinal o homem adquire a linguagem e a “utiliza dentro de uma comunidade de fala tendo como objetivo a comunicação com os indivíduos e a atuação sobre os interlocutores.” Afirma (MARTELOTTA, 2008, p. 147).

Desse modo a sociolinguística classifica a variedade linguística de acordo com diversos aspectos que influenciam a língua, tornando-a distinta, não somente na pronúncia e na fala, mas na morfologia, no léxico e na sintaxe.

A variação linguística é uma herança sociocultural e segundo Murrie, (2004, p. 15) “[...] é a seiva que mantém a língua viva e de que é impossível impedi-la, por mais que tente fossilizar a língua, ditando regras a serem seguidas, ela sempre surpreende com sua diversidade”. A variação linguística é o resultado da vida em sociedade dos indivíduos, pois sua comunicação depende do meio em que vivem. Com isso tornando a língua como o núcleo da evolução humana. Desse modo a linguagem envolve todo o contexto da evolução do ser, fazendo a representação e distinção dos povos.

A diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica. Um mesmo indivíduo pode alterar entre diferentes formas linguísticas de

acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc. (BENTES e MUSSALIM, 2005, p. 60).

Conforme Murrie, (2004), é possível analisar o fenômeno da variação linguística de vários modos, entre eles o cultural e o comunicativo. Culturalmente, a língua retrata a prática humana de maneira única incessantemente atualizada pela linguagem como uma parte da realidade internalizada pelos falantes que usam a língua para constituir seus referenciais de convivência, com relação à língua e cultura.

No âmbito da comunicação a língua representa o estabelecimento de regras que definem as probabilidades comunicativas, afinal cada ato verbal é resultado de uma situação intencional de ação objetivando transformar pensamentos e ações.

Ainda para Murrie (2004), a classificação linguística compreende a estilística que possui um estilo próprio que expressa o ponto de vista sobre o mundo e a sociedade; a sociocultural que é extremamente interligada à variação estilística e a geográfica que é aquela que além de ter as variações e/ou mudanças de uma região para outra do planeta tem a variação dentro do mesmo país que fala a mesma língua. Tais variações são denominadas também como regionalismo, dialetos ou falares locais.

Depreende-se daí que pode haver uma certa unidade na diversidade dos falares regionais, como diz Barbosa (1981, p. 122).

Nota-se, além disso, que há certos traços de pensamento, certos valores culturais, ideologias e filosofias que podem ser comuns a vários grupos linguísticos, em diferentes etapas, apesar das características particulares que assumem em cada um desses grupos, resultantes da maneira exclusiva de cada um apreender o mundo, os dados da experiência.

Considerando-se a língua como reflexo de uma cultura e, simultaneamente, parte integrante dela, deduz-se que traços culturais comuns devem corresponder, logicamente, a traços linguísticos comuns. O que será abordado na análise do poema “O poeta da roça” de Patativa do Assaré, posteriormente.

## **2. Concepções da tríade Língua, linguagem e fala**

A linguagem é um sistema de sinais que permite a realização da comunicação a qual é uma capacidade humana, a língua é uma parte da linguagem, a qual é representada pela

escrita, um sistema gramatical que só se concretiza através da fala. A língua só é de caráter público apenas por ser uma forma de contato coletivo entre aqueles que a utilizam e o caráter privado da fala se dá por ela ser parte de cada indivíduo podendo-a usar como bem entender.

É importante abordar que a língua é um conjunto de signos e regras capaz de produzir novos signos, cada língua tem sua gramática para a criação de novas palavras. O uso da simbologia permite associações e foram criadas pelo homem com o intuito de comunicação entre emissor e receptor.

A norma culta é uma linguagem padrão que não tem o poder de afirmar o que é certo e a fala é a concretização de língua e sua variedade. A fala é modificada minuciosamente em consequência do público misto que a utiliza, não se deve pensar na língua como algo certo ou errado, mas, sim que a linguagem está sob adaptação.

Saussure (1916) propõe a diferenciação da língua e da fala, já que a língua é considerada por ele um sistema de códigos responsável pela comunicação, é o resultado da evolução da sociedade, constituindo um elemento de coesão e organização social que segundo Benveniste (2006, p. 26) “[...] é dentro da e pela língua que o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente”.

A língua é a base da dinâmica social das civilizações, pois além de manter as analogias diárias dos indivíduos compreende um exercício intelectual, transpassa-se o fluxo informativo dos níveis da comunicação atingindo a formação da vida literária, cultural e científica, dessa forma faz-se necessário relacionar língua e cultura.

Toda língua revela uma análise do mundo exterior que lhe é específico, impõe ao falante uma maneira de ver e interpretar esse mundo, é um prisma, através do qual ele está limitado a ver o que vê, desse modo a linguagem reflete a realidade social e o mundo real é constituído em grande parte sobre os hábitos linguísticos do grupo. (SAPIR, 1954. p. 60).

Deste modo, tem-se em mente que a língua compreende um elemento de integração do indivíduo com a sociedade na qual está inserido, entende-se que a associação de significados arbitrários e significantes sonoros constitui a comunicação linguística.

Como afirma Chomsky (*apud* FIORIN, 2003 p.11) ”A linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana”.

A atribuição de valores sociais para as formas da língua define os estereótipos, apesar de serem marcados com valor social consciente, os que a marcam de certa forma

também avaliados na matriz social. Desse modo estende-se que as normas compartilhadas pelos falantes podem associar-se aos estereótipos e aos marcadores os quais podem ser percebidos e distinguidos através de técnicas que testam a avaliação subjetiva da língua.

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. [...]. Entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode ligar-se à Sociologia, abrindo-se a partir daí campos novos de pesquisa, em especial o da Sociolinguística. (PRETI, 1984, p. 2).

Compreende-se que a interação entre sociedade e fala transpassa ao simples conceito de casualidade, visto que, o indivíduo a partir de seu nascimento presencia um mundo de signos e então vivencia diversas probabilidades comunicativas quando se torna capaz de associar, formular ou imitar as mensagens.

De acordo com Labov (2008, p. 225), uma comunidade de fala não pode ser tida como um grupo de falantes os quais utilizam todos, as mesmas normas, ela é melhor definida como grupo que compartilha as mesmas normas sobre a língua “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada a fala real.”

De fato, como afirma Labov (2008), a comunidade de fala não é o uso linguístico compartilhado pelos falantes e sim as atitudes diante aos fatos linguísticos. Portanto, é preciso considerar que a homogeneidade das normas compartilhadas pelo mesmo grupo acontece quando a variável linguística, Sociolinguística possui marcas sociais visíveis aos falantes. Isto é eles devem ser conscientes desses usos e terem capacidade de emitir juízo de valor às formas linguísticas variáveis. A um grupo tido pela sociedade como de prestígio que domina a fala em todos os ambientes tem valor positivo atribuído, no entanto ao grupo que não domina a fala culta são atribuídos valores negativos.

Indubitavelmente, mediante a igualdade comportamental dos falantes quanto as normas sociais relacionadas à língua, Labov (2008), procura uma homogeneidade na definição de comunidade de fala, visto que ela não será caracterizada pelas regras linguísticas presentes na fala dos indivíduos, que são altamente variáveis, mas sim pelos atos dos falantes em relação as regras e formas linguísticas.

### 3. Sobre Cultura, identidade e diferença

Atentando-se a forma teórica da cultura sobre identidade e diferença não há como abordar o multiculturalismo apenas como questões de tolerância e respeito, pois estes vetam a capacidade de ver a identidade e a diferença como processos de produção social, envolvendo relações de poder.

Ver a identidade e a diferença como questão de produção significa tratar de relações entre diferentes culturas não como uma questão de consenso, de diálogo ou comunicação, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente relações de poder[...] a identidade e a identidade tem a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com a disputa e luta em torno dessa atribuição (SILVA, 2000, p. 96).

É interessante salientar que em um espaço onde se tem essa heterogeneidade o encontro com o estranho é inevitável e isso pode causar conflitos. Como diz Veiga-Neto (1996) “[...] é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira, as constitui [...]”.

A raça humana traz em sua autenticidade várias maneiras de se expor culturalmente e todas merecem respeito e tolerância, De acordo com Silva (2000, p. 98), “No exercício de uma tolerância que pode variar de um sentimento paternalista e superior até uma atitude de cosmopolita de convivência para qual nada que é humano lhe é ‘estranho’.” Em um ambiente escolar crianças e jovens receberiam estímulos diversos para estabelecer contato com essas culturas diferentes e extrair expressões diversas, podendo compreender um pouco mais a natureza humana, no entanto o centro do problema é que essa aproximação estimulada pode vetar a capacidade de enxergar que “as relações de poder e os processos de diferenciação” (SILVA, 2000, p. 98) primeiramente criam a identidade e a diferença.

A incapacidade de tolerar e conviver com diferenças segundo Silva (2000, p. 98), “É fruto de sentimentos de discriminação, preconceito, de crenças distorcidas de estereótipos”, ou seja, conceito errado sobre o outro. Antes de tolerar, respeitar e aceitar a diferença é necessária uma explicação de como ela é criada e então compreende-la. Após isto será possível notar que a diferença é múltipla, ativa, produtiva. Essa multiplicidade aumenta, espalha, movimenta, estimula a diferença que se mistura com o idêntico.

Respeitar a diferença pode significar “deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que seja como eu não sou, deixar que ele seja outro que não pode ser eu, que

eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma oportunidade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. Silva (*apud* PRADO, 1996, p.154).

De certa forma a diferença é essencial ou a humanidade se limitaria a repetir as mesmas coisas e o mundo seria praticamente morto, portanto essa abertura para a diferença faz que a cultura sempre se renove e cresça.

Nesse sentido, as diferenças não implicam exatamente no vigor de uma ou outra identidade, o que resultaria na sua consolidação, mas no contínuo processo de desestabilização dos registros das características, os quais abalam as identidades descentrando-as constantemente e gerando novas posições de sujeitos, uma multiplicidade de posições que se encadeiam com o diferente.

Sendo assim, entende-se que a identidade é algo em constante mudança, pois o tempo passa e influencia em sua formação, tendo também ligação com estruturas do discurso e da narração estreitando-se a relações de poder.

#### **4. A Literatura de Cordel e a obra de Patativa do Assaré**

A Literatura de Cordel ou Literatura Popular iniciou no Ocidente por volta do século XII como manifesto leigo que se caracterizava pela linguagem regional e não era escrita em latim, língua oficial da época, com o decorrer do tempo tanto pessoa simples quanto nobres iam compondo versos de forma primitiva através de suas histórias, reversa as comunicações em latim que eram quase sempre assuntos eruditos ou religiosos.

Essa literatura teve três rotas de importância para seu desenvolvimento, sendo rotas de peregrinação, uma em direção ao sul da França, outra ao norte da Itália e a última era a Galícia, sendo assim oposição oficial a Igreja Católica.

Com o passar dos anos ela se fortalece e dá espaço a línguas nacionais da época como o italiano, o francês provençal e o português-galaico, “esses núcleos” tornam se fontes da produção da cultura regional convertida para o resto da Europa por meio de menestréis, jograis e trovadores (poetas andarilhos). Afirma Luyten (2007, p. 21).

Mais de dez séculos depois, após a Revolução Francesa houve uma transformação que se espalhou por toda Europa, a ascensão a burguesia. Segundo Luyten (2007, p. 21), “Com a Revolução Industrial e a tomada de poder” pela classe média da época teve uma tentativa de alcançar além do poder, aspectos culturais os quais eram mantidos unicamente nas mãos dos poderosos que acabaram por cair.

Assim, a literatura popular já com consciência de si aparece na passagem do século XVIII para o XIX, quando aconteceu um distanciamento das duas concepções de cultura, porém depois de alguns anos, iniciou a aproximação das culturas erudita e popular.

Na América do Norte onde a imprensa já era de domínio público desde 1700 facilitou as produções literárias por indivíduos ligados ao povo, portanto têm-se abundantes publicações da época. No Brasil e outros países latino-americanos esta tendência literária teve início no século X, na América do Norte e na Europa ele praticamente desapareceu, mas deixou bons frutos.

A cultura popular se dá onde há participação popular das manifestações comuns como língua, religião, composições étnicas e outras, tais manifestações populares são na grande maioria de forma oral. Naquela época eram praticamente todos analfabetos, isso começa a mudar em 1810 quando se dá a educação em massa, mas seus efeitos apareceram na segunda metade do século XIX, os países mais avançados no século XX eram totalmente alfabetizados, sendo que no Brasil ainda hoje quase a metade da população não tem acesso à educação regular, razão pela qual há predomínio de formas orais na comunicação.

Nas manifestações populares nota-se a presença da prosa que engloba contos e lendas, a qual foi usada pelos jesuítas para a conversão e dominação dos índios e nos dias de hoje tem resquícios em todo país com suas muitas variações. Estas histórias e lendas são passadas de geração em geração como se fosse um legado.

Uma característica interessante das histórias e lendas populares é que sua circulação é restrita e se publicadas elas desaparecem do meio popular. Essas lendas e contos quando se tornam material educativo é todo modificado tirando as características populares.

Vale salientar que a poesia pode ser representada por canções de ninar que são repetidas inúmeras vezes não se perdendo no tempo e os poemas musicados, os repentes os quais são feitos de improviso com maestria pelos cantadores.

No Brasil, a diferença da prosa com a poesia popular é que a prosa só é impressa se escrita por folcloristas e nem sempre é acessível ao grande público já a poesia popular aparece em maior proporção principalmente a nordestina, mesmo se perdendo quando só



falada ou de improviso têm-se entre 15 mil e 20 mil livrinhos impressos os quais são chamados de literatura de cordel.

Apesar de existir no Brasil todo foi no Nordeste que a Literatura de Cordel se desenvolveu, principalmente nos últimos cem anos, por ter sido a partir daí que o povo conseguiu fazer uso da imprensa. Luyten (2007, p. 45), “Acho que ela é importante porque se dá apesar da pobreza generalizada.” Uma grande vantagem desta literatura é que se imprime de forma simples e tem baixo custo, com isso muitos folcloristas entendem que esta seja uma manifestação necessariamente pobre.

## **5. Análise linguística do poema “ O poeta da roça” de Patativa do Assaré**

Toda esta pesquisa histórica, literária e linguística teve como intuito melhor entendimento do objeto deste trabalho, o poema: “O poeta da Roça” de Patativa do Assaré, Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), poeta e cantor cearense, reconhecido pelos seus vários livros, inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em revistas e jornais, ganhou fama também por fazer críticas referente a seu meio.

Ao estudar a linguística nota-se que ela é desfragmentada e um destes fragmentos é o regionalismo o qual estuda as variações da língua de uma região para outra, por esse motivo foi feita a escolha deste poema e poeta.

No texto, vê-se que logo no início do poema é retratada a vida do poeta, que era um agricultor quando o autor diz "sou fio das mata, cantô da mão grossa". Observa-se logo após a recriação da fala típica do sertanejo fazendo menção clara à roça também mostra que a luta para ter o sustento da família, não pode ter preguiça quando ele diz “trabaiio na roça, de inverno e de estio”.

Seguindo o poema é exposto a simplicidade de sua moradia e muitos outros em mesma situação, “A minha chupana é tapada de barro” e ainda expressa sua simplicidade demonstrando orgulho: “ só fumo cigarro de paia de mio”.

Quando é dito “Sou poeta das brenha, não faço papé de argum menestré ou errante cantô” enfatiza que mesmo sem ter fama não se sente diminuído pelos outros poetas e para afirmar esse sentimento de tranquilidade continua: “Que veve vagando, com sua viola, cantando, pachola, à percura de amô.” Na terceira estrofe é relatada a falta de educação para todos com isso o analfabetismo não é uma realidade extinta.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,  
Apenas eu sei o meu nome assiná.  
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,  
E o fio do pobre não pode estudá.

Na quarta estrofe é destacado o preconceito existente com sua literatura mesmo depois de tantos anos:

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo e na roça  
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Assim como nos folhetos de cordel nesse poema aparece a vida sofrida do sertanejo vivendo com muito pouco e muitas vezes sem ter um alento só resta o trabalho pesado a ser feito. Esse sofrimento é mostrado nestes dois versos:

Só canto o buliço da vida apertada,  
Da lida pesada, das roça e dos eito.

O mais encantador nas poesias nordestinas é a felicidade que não morre apesar das dificuldades, é o que Patativa mostra:

E às vez, recordando a feliz mocidade,  
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Muitas vezes sem ter o que comer a saída é a caça para aliviar a fome dos filhos, sendo que na caatinga não é todo homem que tem coragem por ser um ambiente um tanto quanto traiçoeiro e como no sertão nordestino acreditam mesmo nas lendas folclóricas menos ainda se arriscam:

Eu canto o cabôco com suas caçada,  
Nas noite assombrada que tudo apavora,  
Por dentro da mata, com tanta corage  
Topando as visage chamada caipora.

No Nordeste aqueles os quais não têm vocação para agricultor trabalha com a caça de novinhos ariscos no meio da caatinga esta realidade é vista nestes versos a seguir:

Eu canto o vaquêro vestido de côro,  
Brigando com o tôro no mato fechado,  
Que pega na ponta do brabo novio,  
Ganhando lugio do dono do gado.

Como em qualquer outra região, porém talvez com maior incidência tem o morador de rua que para ter um pão por dia depende da bondade dos outros, o qual nem

sempre consegue esse pão e acaba por morrer de fome, a estrofe abaixo retrata essa triste realidade.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,  
 Coberto de trapo e mochila na mão,  
 Que chora pedindo o socorro dos home,  
 E tomba de fome, sem casa e sem pão.

Nestes três versos o poeta vem falar de seu orgulho em ser simples, humilde, sem interesses maiores apenas em continuar sua vida com a sorte recebida, o que é para o sertanejo uma sorte ter comida e casa morando na roça longe da cidade o que é dito assim por Patativa do Assaré:

E assim, sem cobiça dos cofre luzente  
 Eu vivo contente e feliz com a sorte,  
 Morando no campo, sem vê a cidade [...].

A região que o poeta retrata é o Nordeste apesar de dizer ao final do poema: “Cantando as verdade das coisa do Norte”, talvez tal afirmação se dê pela sua pouca instrução. Outros dizeres que podem ser destacados do texto por ser usado naquela região são:

Brenha- mata fechada;  
 Buliço- grande agitação de pessoas;  
 Eito- roça, plantação;  
 Lida- trabalho;  
 Sabença- sabedoria, estudo;  
 Visage- fantasma, aparição.

Sua expressão textual é assim por ser de um meio rural nordestino, por ter toda uma historicidade, pela sua simplicidade e humildade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguística como um todo passou por uma longa transformação e evolução e estas fases foram primeiro a Gramática, segundo a Filologia e por última a Gramática comparada, na sequência tem-se o Estruturalismo e o Gerativismo.

A sociolinguística veio mostrar a riqueza da variedade linguística evidenciando a simplicidade da fala de alguns, as gírias de outros, a diferença da fala de um adolescente e de um idoso, a variação de uma região para outra, o regionalismo.

A pesquisa segue e esbarra na língua, linguagem e fala que apesar de diferentes se relacionam tornando impossível a existência de uma sem a outra. Assim também é a relação entre identidade e diferença uma influenciando a outra formando indivíduos com suas características próprias tendendo a ser formadores de culturas diversas como a cultura popular que originou várias manifestações folclóricas. Apesar de ser originária de outros países a Literatura de Cordel se deu muito bem no Nordeste brasileiro tendo vários autores desta área sendo um deles Patativa do Assaré, o qual descrevia em seus poemas e cordéis o cotidiano, a forma de vida do sertanejo.

Explorando a sua imensa sabedoria Patativa era capaz de guardar todos os seus poemas na memória e utilizar com maestria as palavras, por essa razão o poema “O Poeta da Roça” tornou-se objeto de estudo desse trabalho, o qual traz em seu interior o retrato do sertanejo nordestino enfatizando os dizeres da região onde nasceu e morreu.

## REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste**. Int. e seleção Sylvie Debs, São Paulo: Hedra, 2000.
- ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina: cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003.
- BARBOSA, M. Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo, Global, 1981.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas da Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. v. 1, 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005. 294p.
- FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. de L.P.; FIORIN, J. L. **Polifonia e intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- <https://mscamp.wordpress.com/paginas-escritas/variedade-linguistica-patativa-do-assare> - acessado em 05/12/2018, às 14h31min.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é Literatura de Cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winkler Averborg. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MURRIE, Zuleika de Felice et al. **Projeto Escola e Cidadania para todos: Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora do Brasil, 2004, 816 p.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala**. 6 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- SAPIR, E. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. Rio de Janeiro: instituto nacional do livro, 1954.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

# **ANEXOS**

## O Poeta da Roça

Patativa do Assaré

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,  
Trabáio na roça, de inverno e de estio.  
A minha chupana é tapada de barro,  
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé  
De argum menestré, ou errante cantô  
Que veve vagando, com sua viola,  
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,  
Apenas eu sei o meu nome assiná.  
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,  
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo e na roça  
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,  
Da lida pesada, das roça e dos eito.  
E às vez, recordando a feliz mocidade,  
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,  
Nas noite assombrada que tudo apavora,  
Por dentro da mata, com tanta corage  
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,  
Brigando com o tôro no mato fechado,  
Que pega na ponta do brabo novio,  
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,  
Coberto de trapo e mochila na mão,  
Que chora pedindo o socorro dos home,  
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,  
Eu vivo contente e feliz com a sorte,  
Morando no campo, sem vê a cidade,  
Cantando as verdade das coisa do Norte.



**A****ABAITOLADO**

Aquele que pode não ser, mas, tem jeito de viado. (Os dicionários de português grafam veado, mas, em cearensês, é viado, com “i”). “O cara parece meio abaitolado”.

**ABESTADO**

Bobo, Tolo, apalermado.

**ABIROBADO (OU ABILOLADO)**

Doido no sentido mais suave da palavra. Meio doido, aquele que não bate bem. Maluco.

**ACUNHAR**

Chegar junto.

**AGORA PRONTO!**

Interjeição, significando espanto, indignação, revolta etc....

**ANEL**

Ânus, anel, fiofó, carritel. “Aquele ali queima o anel!”.

**APERREIO**

Situação vexatória. (Do português formal, porém pouco usado em outras regiões do país).

**APETRECHADA**

Dotada de beleza física.

**B****BAGULHO**

Pessoa muito feia ou coisa velha e imprestável.

**BAITINGA**

Gay, fresco. Emprega-se, porém, nas brincadeira entre amigos. “E aí seu baitinga, vai me emprestar o carro?”. Viado, Boiola.

**BAIXA DA ÉGUA**

Hipotético lugar pra onde se manda pessoas que estão nos chateando. “Deixe de me encher o saco cara, vá pra baixa da égua”.

**BAIXAR O SARRAFO**

Açoitar violentamente, surrar.

**BALADEIRA**

Estilingue, atiradeira.

**BATER FOFO**

Faltar a um encontro, descumprir algum acordo. ”Marquei um encontro com a menina e ela bateu fofó”.

**BATER O CATOLÉ**

Morrer, passar dessa para melhor. “Já está mais do que na hora desse velho bater o catolé! “.

**BATORÉ**

Indivíduo baixinho, tamborete-de-forró, tampinha.

**C****CABAÇO**

Menina/Mulher Virgem. ”A menina é zero-cabaço!”.

**CAGAÇO**

Bronca, carão, repreensão. “Levei o maior cagaço do chefe porque cheguei atrasado.”

**CAGADO**

Pessoa que tem muita sorte, sortudo. “O cara é um cagado, já ganhou duas vezes na loteria”.

**CAGADO E CUSPIDO**

Indivíduo muito semelhante a outro. Iguazinho. Dizem vir da expressão “Encarnado e Esculpido”.

**CAGAR-O-PAU**

Fazer uma coisa muito mal feita. Colocar alguma coisa a perder. Dar mancada. “O meu time cagou-o-pau” ou seja: jogou muito mal.

**CAI-DURO**

Sanduíche ou cachorro-quente de qualidade duvidosa.

**CEROTO**

Sujeira na pele por falta de banho. “O menino não toma banho e está com muito ceroto!”.

**CHAPA**

Radiografia; dentadura.

**CHAPÉU DE TOURO**

Chifre.

**CHAPULETADAS**

Tapas.

**D****DA MOLESTA**

Indivíduo muito bom em alguma coisa. “Eita cabra bom da molesta”. Expressão típica do matuto iletrado.

**DE MUTUCA**

1. Ligado em alguma conversa, de ouvidos bem atentos “É bom ficar de mutuca ligada na conversa dessa menina...”.

2. Mutuca também é a denominação de um mosquito comumente encontrado nas margens de lagoas.

**DE VERA**

De verdade. “Esse carro é bom de vera!”.

**DEDADA**

Cutucar a bunda de alguém com o dedo.

**DESCATITAR**

Quebrar, arrebentar. “O meu carro bateu e está todo descatitado”.

**DESENXAVIDO (A)**

Sem graça. “A piada com o modo dele andar deixou o rapaz desenxavido”.

**DOR DE VIADO**

Dor no baço.

**E****EGUAR**

Vagabundear. “O cara vive aqui eguando o dia todo”.

**EMBIOCAR**

Meter-se em algum lugar difícil de achar. “Onde esse menino se embiocou?”.

**EMBOLEU**

Briga, confronto, discussão acirrada. Veja: aos embolésus.

**EMBUANÇA**

Encrenca, briga. “Esse rapaz só vem aqui pra fazer embuança!”.

**ESCABEFADO**

Muito cansado, esbaforido. “Os jogadores estão escabefados e o jogo não termina!”

**ESCOTEIRO**

Significa alguma coisa que a gente come sem nada para acompanhar.

**ESCROTO (A)**

Pessoa chata, ruim, inamistosa.

**ESTROVENGA**

Coisa esquisita, estranha, não confiável. “Eu acho o avião uma estrovenga perigosa!”.

**ESTRUIR**

Estragar alguma coisa. Certamente vem de “destruir”, com a pronúncia preguiçosa, inculta, mas, gostosa dos nossos sertanejos.

**F****FALAR ÁGUA**

Falar bobagem, abobrinha, miolo de pote. “O Cara só fala água, não tem uma palavra que se aproveite...”.

**FANABÔ**

Tênis. Denominação muito antiga para esse calçado.

**FAZER SABÃO**

Sexo entre lésbicas.

**FEITO NAS COXAS**

Coisa malfeita, mal-acabada, defeituosa.

**FELA DA GAITA**

O mesmo que fila da puta, fela da puta ou filho da puta.

**FILE-DE-BORBOLETA**

Pessoa muito magra.

**FOGOIÓ**

Quem tem o cabelo originalmente avermelhado (ruivo). Certamente vem da comparação com fogo, a cor do fogo.

**FRESCAR**

Fazer uma brincadeira. “Se zanga não, tô só frescando”.

**FRIVIÃO**

Inquietação, principalmente de criança. “Esse menino parece que está com um frivião no fundo!”.

**FULO OU FULO DA VIDA**

Com muita raiva. “Eu estou fulo da vida com esse novo presidente do Brasil!”.

**FUTRICA**

Brincadeira ou conversa fora de hora, confusão, intriga. “Acabem com essa futrica e voltem logo ao trabalho”.

**FUTRICAR**

Mexer, investigar, fazer confusão. “Essa mulher vive futricando a minha vida”.

**G****GALINHA À CABIDELA**

Galinha ao molho pardo.

**GASGUITA**

Mulher com voz esganiçada.

**GALA**

Esperma.

**GALALAU**

Homem alto.

**GIGOLETE**

Passadeira, diadema, arco.

**I****IMBIRA**

Pedaço de cipó ou punho de rede usado para segurar as calças.

**INFERNO DA PEDRA**

Lugar tão longe que ninguém sabe nem dizer onde fica.

**INGEMBRADO**

Torto.

**INTIMAR**

Outro termo que foge do significado normal do português (citar, notificar etc.) e toma uma conotação de implicar, provocar, insultar. Muito usado entre crianças. “Mãe o menino está intimando comigo”.

**INVOCADO**

Corajoso.

**ISPILICUTE**

Do inglês “She’s pretty cute”.  
Engraçadinha.

**ISPRITADO**

Enfurecido.

**J****JOÃO-NINGUÉM**

Pessoa sem nenhuma expressão, insignificante, rola-bosta. “Esse sujeito não é nada na vida é um João-ninguém!”.

**JOGAR NO MATO**

O mesmo que colocar no lixo. A expressão, certamente, vem do fato do habitante do interior (sertão) realmente jogar o lixo no mato em volta da sua casa, ou seja, literalmente no mato. Ver rebolar no mato.

**JURURU**

Acabrunhado, encabulado, abatido,

envergonhado, cabisbaixo. “A namorada botou chifre nele e ele anda meio jururu!”.

## L

### LABIRINTO

Arte em tecido, principalmente toalhas de mesa. Os desenhos são obtidos com a retirada de fios do tecido.

### LERIADO

Conversa fiada.

### LETRECA

Cafona, coisa velha

### LORÉU

Carro Velho.

### LUNDU

Mal humor.

## M

### MEIOTA

Meia garrafa de cachaça. Ver Burrim.

### MELADO

Bêbado

### MIOLO DE POTE

Coisa sem importância.

## N

### NÃO DÁ UM PREGO NUMA BARRA DE SABÃO

Não faz nada, é um preguiçoso.

### NOME FEIO

Palavrão.

### NUM FRESQUE NÃO!

Pare com essa brincadeira!

## P

### PANELADA

Prato feito com tripa e bucho de boi.

### PÃO D'ÁGUA

Pão de massa grossa. Bengala.

## PAPANGU

1. Pessoa fantasiada para o carnaval ou outras festas populares.
2. Abestado, tolo, otário.

## PAPEL DE ENROLAR PREGO

Pessoa grosseira.

## PAPOCO

Explosão, grande estrondo.

## PAU DA VENTA

Nariz.

## PEDIR PENICO

Desistir de alguma coisa por falta de coragem ou força. “O cara não aguenta mais, está pedindo penico...”.

## PEDUVIDO

Orelha.

## PEGANDO SIRI

Calças compridas acima do tornozelo. “Homem elegante não anda com calça pegando siri!”.

## PEGAR PELA BITACAS

Agarrar alguém energicamente com intenção de bater.

## PEGAR TAINHA

Cochilar, pegar no sono em qualquer lugar.

## Q

### QUARTINHA

Jarro de barro para guardar água.

### QUINTURA

1. Pessoa legal, competente, gente boa. “Este cara é quintura”.
2. Calor, mormaço.

## R

### RABIÇACA (DAR UMA RABIÇACA)

Virar o rosto violentamente em sinal de desprezo.

### RABICHOLA

Rabo, buchanca, bunda. “Aquela menina tem uma baita de um rabichola!”.

**RACHA**

Pelada de futebol com utilização de um “campo” improvisado, na praia, nas calçadas etc.

**REZINA**

Alguém que só quer tudo pra si. Sovina, avarento.

**RUMA**

Um monte, uma grande quantidade de alguma coisa: “Eu pesquei uma ruma de peixes!”.

**SÓ O BURACO E A CATINGA**

Pessoa dismilinguida. “Ele pegou uma gripe tá que é só o buraco e a catinga.

**SÓ O MI**

Diz-se de alguma coisa muito boa.

**T****TABARÉU**

Caipira, abestado, beradeiro.

**TABEFE**

Tapa violento. “Vou dar uns tabefes nesta cabra”.

**TABOCADA**

Erro muito grande, irrecoverável.

**TROLETADA**

Trombada, pancada, chibatada. “O jogador do Fortaleza deu uma troletada no do Ceará e o juiz não marcou nada!”.

**TRONCHO**

Torto, desengonçado. “O cara anda todo troncho depois da surra que levou!”.

**TRUBISCADO**

Meio bêbado, levemente embriagado.

**TU LA CHUPA NADA!**

Você não é de nada!.

**U****ÚLTIMO TIRO NA MACACA**

Diz-se de uma mulher que completou 30 anos e não casou.

**URUBUSERVAR**

Olhar atentamente.

**URUBUZAR**

Agourar, desejar má sorte, “pôr olho grande” na vida dos outros.

**V****VERMINOSO**

Viciado, torado por alguma coisa. “O meu amigo é um verminoso, não larga o cigarro!”.

**VEXADO**

(alguns dizem avexado) Apressado, azafamado. Nota: no português formal, significa: Envergonhado.

**VITALINA**

Moça que já possui certa idade e continua solteira.

**X****XABOQUE**

Pedaço retirado, com violência, de alguém ou de alguma coisa “Chico levou uma topada que arrancou o chaboque do dedo”.

**XAMBREGADO**

(ou xumbergado) Cheio dos paus, embriagado.

**XERÉM**

Fubá de milho. Milho pilado.

**XEXEIRO**

Caloteiro.

**XÊXO**

Dar o xêxo é faltar ao compromisso.

**Z****ZAMBETA**

Cambota, perna torta, arqueadas para fora.

Marcelo é zambeta, suas pernas parecem cabo de alicate.

### **ZÉBEDEU**

Embora seja nome oficial de alguns indivíduos e apelido de outros, é também um pejorativo usado quando se pretende “diminuir” (menosprezar) a pessoa.” É um zebedeu” ou seja, um pobre coitado.

### **ZERADO**

Qualquer coisa nova, sem uso.

### **ZERO-CABAÇO**

Virgem, donzela. “Pra ter certeza que uma garota é zero-cabaço, só experimentando!”. (O exemplo é uma das muitas piadas do cearense sobre virgem ou moça como são denominadas em cearenses).

### **ZOADA (ZUADA)**

Barulho, “O cearense raramente fala barulho. “Menino deixa de fazer zuada”.

### **ZÓI**

Olho.

### **ZÓLHO**

Forma plural, embora sem o “s”, de olhos.

### **ZÓVO**

(Forma plural) Os ovos.

### **ZUADENTO**

Barulhento.

### **ZUNHA**

(Forma plural) As unhas. “Vamos fazer as zunha”.

### **ZURÊIA**

(Forma plural) As orelhas.

### **ZURUÓ**

Abestalhado, abobado.

### **ZUVIDO**

(Forma plural) Os ouvidos